

# ANTES E "DEPOIS" DO NIILISMO

LUANA MARA DIOGO - Mestranda em filosofia pela UECE – Bolsista CAPES

**Resumo:** O presente texto busca, através de alguns textos de Nietzsche, abordar a noção de niilismo como um problema impulsionado pela crença em uma moral socrático-platônico-cristã, e apresentar a necessidade mostrada pelo filósofo de uma transvaloração de todos os valores. Os temas supracitados caminham juntos e se mostra oportuno um diálogo. Para isto, serão utilizados essencialmente três escritos, quais sejam, A genealogia da moral, Crepúsculo dos ídolos e os fragmentos escritos entre 1884 e 1888 sobre o niilismo, selecionados por Gérard Lebrun. A escolha dos textos não significa que a noção de niilismo e muito menos o problema da moral se esgote neles, mas que pela amplitude do pensamento nietzscheano se mostra necessário um recorte. Como o niilismo ganha maior relevância nos escritos de maturidade, ou seja, aqueles concebidos a partir de 1882 até 1888, os escritos aqui propostos possibilitam uma compreensão dos temas. É também nos escritos deste período que o filósofo amadurece sua crítica à moral vigente e dá vida a sua noção de transvaloração dos valores.

**Palavras-chave:** Niilismo; Moral; Transvaloração

**Abstract:** Through some of Nietzsche's texts, this paper aims to dealing with the notion of Nihilism as a problem driven by the belief in a Socratic-Platonic-Christian morality, and present the necessity, displayed by the philosopher, of a transvaluation of all values. The aforementioned themes go together and a dialogue seems to be proper. With that intent, it will be used mainly three writings, which are: On the genealogy of morals, Twilight of the idols and the fragments on nihilism written between 1884 and 1888, selected by Gérard Lebrun. The choose of these texts does not mean that the concept of nihilism, and much less the issue of morality, runs out on these texts, but that the magnitude of Nietzschean's thought demands a cutout. As Nihilism acquires more relevance in his writings of maturity, i.e., those designed from 1882 until 1888, the writings here proposed enable us to an understanding of those themes. It is also in the writings of this period that the philosopher matures its criticism of the prevailing moral and gives life to his notion of the transvaluation of values.

Keywords: Nihilism, Moral, Transvaluation

**E**m m bora no século XIX, e até antes dele, já se pensasse a questão do niilismo, Nietzsche surge como um dos articuladores mais preocupados com o advento deste, que segundo o próprio filósofo é o mais sinistro dos hóspedes, que bate à porta da modernidade. Nietzsche não pensa o niilismo, ou seja, aquilo que ele denomina como a “radical recusa de valor, sentido, desejabilidade”<sup>1</sup>, como algo nascido e criado no Séc. XIX, mas fecundado no seio da humanidade. Porém, antes de adentrar no solo do niilismo, é preciso ter uma compreensão introdutória da visão nietzscheana da moral vigente que para o filósofo se trata da moral judaico-cristã e que em seu interior guardou a semente para o niilismo.

A *Genealogia da moral* foi redigida no ano de 1887, como complemento de *Além do bem e do mal*. De forma sucinta, poder-se-ia dizer que genealogia da moral é a busca pela gênese da moral. No entanto, quando se inicia a leitura da obra entende-se que o projeto genealógico vai além. Nietzsche foi buscar no estudo de diversos povos, épocas e hierarquias, respostas que lhe trouxeram mais perguntas e problemas que necessitavam ser solucionados, ou ao menos interpretados. Partindo de uma inquietação de Nietzsche nos é colocada a seguinte questão:

Sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor “bom” e “mau”? e que valor têm eles? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indícios de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade de vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro?<sup>2</sup>

Para Nietzsche é necessário questionar não apenas os valores, mas o valor que esses valores adquiriram. Nesse intento o filósofo se defronta com Schopenhauer e mostra o quão maléfico é a valorização de sentimentos como paixão e sacrifício, pois tais sentimentos são responsáveis por seduzir a humanidade ao nada. Aqui se localiza segundo Nietzsche, o começo do fim. O niilismo então se instaura em meio à humanidade quando o homem passa a desejar aquilo que anula as suas forças e seus instintos e busca o não-egoístico. Desse modo torna-se necessário uma crítica radical da moral, pensá-la em uma dupla perspectiva, ou seja, como causa e conseqüência, como doença e remédio. Para o homem moderno, aquele que Nietzsche chama de homem do rebanho, o que é “bom” é superior ao que é “mal”, mas qual foi a balança que mediu o peso desses valores?

Quando se busca a fonte do conceito “bom”, percebe-se que não se trata daquele que fez o “bem” como pretende a tradição judaico-cristã, mas dos nobres que buscavam diferenciar suas ações e pensamentos superiores, das ações e pensamentos inferiores dos plebeus. O “bom” para a aristocracia não tem relação com o “não-egoísta”. Quando a classe aristocrática declina e a burguesia ascende, os conceitos de “egoísta” e “não-egoísta” ganham forma, e o “bom” passa a fazer parte da linguagem do rebanho.

1 NIETZSCHE, *Sobre o niilismo e o eterno retorno*, p. 159.

2 NIETZSCHE, *Genealogia da moral*, p.9.

A indicação do caminho certo me foi dada pela seguinte questão: que significam exatamente, do ponto de vista etimológico, as designações para “bom” cunhadas pelas diversas línguas? Descobri então que todas elas remetem a mesma transformação conceitual – que, em toda parte, “nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espírito bem-nascido”, “espiritualmente privilegiado”: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz “plebeu”, “comum”, “baixo” transmutar-se finalmente em “ruim”.<sup>3</sup>

Nietzsche, após fazer essa análise etimológica aponta para o que ele chama de “radical transvaloração dos valores”. Essa transvaloração se deu quando os judeus inverteram os valores aristocráticos e firmaram seus valores cristãos, que para o filósofo são valores decadentes. Os fortes e nobres tornam-se maus e os fracos e pobres tornam-se bons. “*Com os judeus principia a revolta dos escravos na moral: aquela rebelião que tem atrás de si dois mil anos de história, e que hoje perdemos de vista, porque – foi vitoriosa...*”<sup>4</sup>. Nas passagens que se seguem, o filósofo atenta para o fato já incontestável de que os judeus venceram a batalha contra os “senhores”. Essa vitória se inicia a partir de um ressentimento que gera valores, e enquanto a moral dos nobres é de afirmação, a dos escravos é de negação, ou seja, os valores gerados pelos ressentidos são valores niilistas. O “não” ganha o espaço do “sim” e a vontade passa a desejar o “nada”. “*A visão do homem agora cansa – o que é hoje o niilismo, se não isto?... Estamos cansados do homem...*”<sup>5</sup>

A ótica cristã de um mundo de pecado e sofrimento e de outro de recompensa e redenção, é apenas a popularização da dicotomia platônica de um mundo sensível inferior a um mundo inteligível, nas palavras de Nietzsche, “*cristianismo é platonismo para o povo*”<sup>6</sup>. O filósofo alemão aponta para uma falha na estrutura moral do cristianismo, pois a partir do momento em que se nega o mundo que temos e que vivemos, abrimos mão de nossos instintos, o que leva o homem a se afastar de sua essência em prol de valores forjados. “*Todas as grandes coisas perecem por obra de si mesmas, por um ato de autossupressão: assim quer a lei da vida, a lei da necessária “autossuperação” que há na essência da vida – é sempre o legislador mesmo que por fim houve o chamado: sofre a lei que tu mesmo propuseste.*”<sup>7</sup>

Quando o homem constata que Deus está morto, ou seja, que o pilar de sustentação de todo o Ocidente não passou de uma interpretação e de que todos os conceitos modernos de progresso, verdade, razão e universalidade não passaram de tentativas de substituição, que também não é capaz de dizer o real, ele sucumbe em um vazio. Porém, a confirmação de viver um engano não significa que o homem se livre de toda essa construção. Abrem-se dois caminhos, o da ciência e o da religião. No entanto ambos desembocam no mesmo lugar, no nada. Embora constatem a morte de Deus, alimentam

3 *Ibidem*, p. 18.

4 *Ibidem*, p. 23

5 *Ibidem*, p. 32

6 NIETZSCHE, *Além do bem e do mal*, p.8.

7 NIETZSCHE, *Genealogia da moral*, p.138.

um culto a sombra daquilo que um dia foi tomado como verdade eterna, e criam um sentimento de culpa que finda por levar o homem a buscar se afastar do sofrimento, impossibilitando que este viva sua existência de forma plena. A vida torna-se uma busca incessante por uma pretensa salvação. “... *No fato de o ideal ascético haver significado tanto para o homem se expressa o dado fundamental da vontade humana, o seu horror vacui [horror ao vácuo]: ele precisa de um objetivo – e preferirá ainda querer o nada a nada querer.*”<sup>8</sup> Nesse “querer o nada” temos um niilismo que ainda não se completou, e que busca manter os valores antigos, utilizando o cristianismo como narcótico. Calmante este que prega uma vida mediana, onde não se experimenta nada que potencialize a vida. “*Há apenas neve, a vida emudeceu; as últimas gralhas que se fazem ouvir dizem ‘Para quê?’, ‘Em vão!’, ‘Nada!’.*”<sup>9</sup>

Porém há a possibilidade de “nada querer”, ou seja, de uma completa recusa de tudo que até agora dominou a existência. Aqui o niilismo já se completaria, e com isso o homem aceitaria o esvaziamento como um fato incontestável, e não mais buscaria substitutos para servir de alicerce. No entanto, esse niilismo completo carrega ainda duas possibilidades, que seria por um lado de fraqueza, quando o homem desiste de qualquer horizonte de batalha, e outro de força, onde este homem possuiria uma atividade destrutiva. Nietzsche aponta já na segunda dissertação da *Genealogia da moral* para a possibilidade que se abre com esse niilismo completo:

Quero dizer que também a inutilização parcial, a atrofia e degeneração, a perda de sentido e propósito, a morte, em suma, está entre as condições para o verdadeiro *progressus*; o qual sempre aparece em forma de vontade e via de maior poder; e é sempre imposto à custa de poderes menores. A magnitude de um “avanço”, inclusive, se mede pela massa daquilo que teve de lhe ser sacrificado; a humanidade enquanto massa sacrificada ao florescimento de uma mais forte espécie de homem – isso seria um avanço...<sup>10</sup>

O homem moderno deveria então assumir sua condição de vazio, e sacrificando-se daria lugar ao homem forte, leia-se, o além-do-homem. Nietzsche denomina esse homem como o que salvará a humanidade da náusea constante, do niilismo. Um anticristão e antiniilista que um dia virá e que será capaz de superar o homem e transvalorar. Aqui inicia uma nova perspectiva da filosofia nietzscheana, onde a responsabilidade de uma transvaloração dos valores não está mais nas mãos dos filósofos do futuro, mas ora nas mãos daquele que ainda virá, ora do próprio Nietzsche. No *Crepúsculo dos ídolos* isso ganha forma quando Nietzsche diz: *A fórmula geral que se encontra na base de toda moral e religião é: “Faça isso e aquilo, não faça isso e aquilo – assim será feliz! Caso contrário...”... Em minha boca essa fórmula se converte no seu oposto – primeiro exemplo de minha “transvaloração de todos os valores”.*<sup>11</sup> O filósofo aqui toma para si a responsabilidade, assim como no último aforismo da citada obra, onde ele afirma ter sido *O nascimento da tragédia* sua primeira transvaloração.

8 *Ibidem*, p. 80

9 *Ibidem*, p. 134.

10 *Ibidem*, p. 61.

11 NIETZSCHE, *Crepúsculo dos ídolos*, p. 40.

O niilismo e a transvaloração ganham espaço como tema capital na obra nietzscheana, mais ou menos no mesmo período que a doutrina do eterno retorno, onde Nietzsche mostra a possibilidade de um mundo que embora tenha suas forças limitadas, tem um tempo ilimitado, e nos levaria a uma eterna repetição. O filósofo alemão aponta para esse eterno retorno como a forma mais radical de niilismo, ou seja, o niilismo já se completou ativamente e agora é levado às últimas conseqüências. Não podemos mais fugir ou negar, e a única maneira de superarmos esse niilismo e aceitar a doutrina do eterno retorno, é através da fórmula nietzscheana do *amor fati*. Nesse conceito encontra-se a radical aceitação da vida como ela nos é dada, ou seja, o amor ao destino, ao fado.

No parágrafo 112 dos fragmentos, o filósofo que se intitula o primeiro niilista completo da Europa conclui:

Visão de conjunto. – De fato todo grande crescimento traz consigo também um descomunal esboroamento e perecimento: o sofrer, os sintomas do declínio fazem parte dos tempos de descomunal avanço; cada fecundo e potente movimento da humanidade criou ao mesmo tempo um movimento niilista. Seria, em certas circunstâncias, o sinal de um incisivo e essencialíssimo crescimento, para a passagem a novas condições de existência, que a mais extremada forma do pessimismo, o niilismo propriamente dito, viesse ao mundo. Isso eu compreendi.<sup>12</sup>

Assim podemos encerrar este texto afirmando a necessidade de aceitação e radicalização do niilismo para um ultrapassamento, que traz consigo a possibilidade de uma transvaloração de todos os valores. Porém, essa transvaloração ainda não se concretizou, pois vivemos em um momento niilista da história. A fórmula dada por Nietzsche para ultrapassar o niilismo, ou seja, o *amor fati*, ainda surge como uma meta entre os homens contemporâneos. Ainda não se conhece um depois do niilismo.

---

12 NIETZSCHE, *Fragmentos póstumos*, p.166

## **REFERÊNCIAS**

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre o niilismo e o eterno retorno*. In: Os pensadores. 4. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987.